

IMPACTOS DA PESQUISA

* Roberto Rodrigues

Mais uma vez o País comemora com regozijo os números da balança comercial do agronegócio em 2006. Dentre os diversos fatores que contribuem para essa *performance* destaca-se o papel da pesquisa e da experimentação agrônômica. Colhemos o fruto dos investimentos realizados em décadas passadas. Uma estratégia que não se pode perder de vista quando olhamos para o futuro. Hoje temos a melhor tecnologia tropical do planeta, e somos competitivos em diversas cadeias produtivas, em grande parte devido aos trabalhos realizados na área de pesquisa, desenvolvimento e inovação. Na soja começamos forte desde o seu início, há quase quarenta anos. Com variedades produtivas e resistentes às pragas e doenças, a cultura é o exemplo da disseminação de tecnologia no campo, da conquista do cerrado, do plantio direto e da integração lavoura e pecuária. Na cotonicultura tivemos recentemente uma verdadeira remodelagem no processo produtivo. E para encerrar as citações, a velha cafeicultura, com ciclos novos e freqüentes de modernidade e ganho de competitividade.

Os avanços tecnológicos deram ao produtor condições para melhorar sua renda e oferecer melhor produto para o consumidor em termos de preço e qualidade. Somente a Empresa Brasileira de Pesquisa Agrônômica (Embrapa) gerou um excedente econômico da ordem de R\$ 12 bilhões nos últimos quinze anos. A relação custo benefício foi de 1:13. Cada real aplicado deu um retorno de R\$ 13.

Mas as organizações públicas de pesquisa passam por importantes mudanças. Além do impacto econômico dos seus trabalhos, apareceram também os ambientais e sociais. Foram analisadas 31 tecnologias produzidas pela Embrapa. Do ponto de vista ambiental, a avaliação negativa em 13 decorreu do uso inadequado de energia, em 9 do uso de insumos e em 8 pela biodiversidade. Na parte social, surgiram 206 mil empregos. Um ganho para a sociedade, sem falar na comida mais barata.

Infelizmente, a relação entre o orçamento da Embrapa e o PIB da agropecuária tem ficado abaixo do nível julgado apropriado, correspondente a 1%. Há um processo recente de recuperação, embora ainda longe do registrado no passado.

Relação entre o orçamento da Embrapa e o PIB agropecuário	
1975 a 1982	Cresceu de 0,4 para 1,2
1982 a 1985	Caiu para 0,7
1985 a 1990	Estável em 0,75
1990 a 1992	Cresceu para 1,0
1992 a 2003	Caiu para 0,4

Nos países de agronegócio pujante como o brasileiro, a pesquisa pública é muito forte. No caso da pesquisa privada, existe financiamento do governo e renúncia fiscal. A experiência mostra que nos países com muito investimento em pesquisa pública, a pesquisa privada é mais produtiva. De um modo geral, a taxa de retorno é elevada. No Brasil, temos exemplos excelentes na CODETEC (Companhia de Desenvolvimento Tecnológico), no Fundecitrus e no CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) de Piracicaba.

Todo esforço vem no sentido de promover o desenvolvimento científico e tecnológico da agropecuária, sem perda de continuidade e sem comprometer a competitividade futura. Nesse sentido, bem-vinda foi a Lei de Inovação, aprovada em dezembro de 2004, que autoriza a União e suas entidades autorizadas a participar minoritariamente do capital de empresa privada de propósito específico. É uma saída inteligente que devemos todos estimular a sua aplicação.

Afinal, tecnologia é um processo dinâmico. Se não investirmos nisso, perderemos muito depressa a liderança mundial em agropecuária tropical. E também é fundamental agilizar os processos de pesquisa, sobretudo em biotecnologia, que depende de mudanças na CTNBIO.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Presidente do Conselho de Agronegócios da Fiesp e Professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal.**